



UNIVERSIDADE POPULAR
DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

RELATÓRIO DA OFICINA DE PORTO ALEGRE

JULHO DE 2010

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Antecedentes da UPMS | 2 |
| Processo de preparação da oficina da UPMS em Porto Alegre | 3 |
| Tema: Construindo diálogos entre os Movimentos Sociais e a Universidade | 4 |
| Os parceiros da iniciativa | 6 |
| Os primeiros contatos | 7 |
| A metodologia da oficina | 8 |
| Realização da oficina | 9 |
| 1º dia da oficina – sábado, 24 de julho de 2010 | 10 |
| 2º dia da oficina – domingo, 25 de julho e 2010 | 12 |
| Os trabalhos em grupo | 22 |
| Encaminhamentos da agenda comum | 24 |
| Propostas aprovadas | 25 |
| Síntese final: a relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais: como construir uma relação de novo tipo | 26 |
| A relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais | 26 |
| Tensões na relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais | 26 |
| Saberes sobre a relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais | 27 |
| O caminho para a construção de uma nova relação | 27 |
| Anexo 1 – Lista dos participantes | 28 |

ANTECEDENTES DA UPMS

A Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) nasce dentro do Fórum Social Mundial (FSM) de 2003, espaço de conquista, encontro e intercâmbio dos movimentos sociais. A UPMS nasce da constatação de que além do FSM deveriam ser criados meios onde os movimentos pudessem intercambiar seus saberes e formar-se de forma coletiva e intercultural, a fim de aumentar o conhecimento.

A UPMS - Rede Global de Saberes – tem a intenção de contribuir para que seja alcançada uma justiça social global por meio do trabalho de uma justiça cognitiva global. O objetivo geral da UPMS é contribuir para que o conhecimento da globalização alternativa seja tão global quanto ela e que, nesse processo, as ações transformadoras sejam mais esclarecidas e eficazes e os seus protagonistas, mais competentes e reflexivos.

A formação pretendida pela UPMS é dupla. Por um lado, formar ativistas e líderes comunitários dos movimentos sociais e das ONGs, fornecendo-lhes quadros analíticos e teóricos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática – dos seus métodos e dos seus objetivos – de modo a melhorar a sua eficácia e a sua coerência. Por outro lado, formar cientistas sociais/intelectuais/artistas interessados no estudo dos novos processos de transformação social, dando-lhes a possibilidade de um diálogo direto com os seus protagonistas e assim identificar e, na medida do possível, eliminar a discrepância entre os quadros teóricos e analíticos em que foram treinados e as necessidades e aspirações concretas das novas práticas transformadoras.¹

No Brasil já foi realizada uma primeira oficina da UPMS em Belo Horizonte em Agosto de 2009, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por meio do Centro de Estudos Sociais da América Latina (CESAL). Na América Latina antes da oficina no Brasil já foram realizados três outros encontros: a) Oficina de Tradução Cultural em Medellín – Colômbia (2007) b) Oficina na Costa Rica (2007) c) Oficina de Tradução entre Movimentos Sociais em Córdoba – Argentina (12 e 15 de setembro de 2007).

¹ Santos, Boaventura. A Universidade Popular dos Movimentos Sociais para formar ativistas e dirigentes dos movimentos sociais e ONGs e cientistas sociais intelectuais e artistas dedicados à transformação social. Uma proposta para discussão segunda versão. Universidade de Coimbra (CES). Setembro de 2003. p.5

Nos marcos deste processo de enraizamento e expansão da UPMS no mundo, apresentamos esta proposta, a fim de que Porto Alegre, cidade onde nasceu o Fórum Social Mundial, realizasse em conjunto com os movimentos sociais e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) esta oficina com o objetivo de iniciar um processo de reflexão sobre a relação entre os movimentos sociais e a universidade. Uma oficina na qual um conjunto de ativistas dos movimentos sociais pudessem discutir o papel da universidade na promoção da cidadania, a democracia, a ciência, a justiça social e a abertura da universidade para os setores excluídos. Esta oficina foi um primeiro encontro e um momento de reflexão que pode se constituir em um primeiro passo para o processo de construção da UPMS na região sul do Brasil.

PROCESSO DE PREPARAÇÃO DA OFICINA DA UPMS EM PORTO ALEGRE

Nos dias 24 e 25 de julho de 2010 foi realizada na Faculdade de Arquitetura da UFRGS a primeira oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais – Rede Global de Saberes (UPMS) no Rio Grande do Sul, com o tema “Construindo diálogos entre os movimentos sociais e a universidade”. Esta oficina foi uma iniciativa do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e de um conjunto de professores e alunos de distintos setores da universidade, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal.

Participaram nos dois dias de trabalho 51 pessoas, entre dirigentes e ativistas dos movimentos sociais, professores, alunos e funcionários da UFRGS e de outras instituições universitárias. A atividade contou também com a participação do professor Boaventura de Sousa Santos, da Universidade de Coimbra, de Lilian Celiberti, da Rede Feminista Marcosur, de representantes de movimentos sociais do Uruguai, do Serviço de Extensão da Universidad de la República (Uruguai) e do Centro de Estudos Sociais da América Latina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nos dois dias de trabalho os participantes fizeram uma reflexão sobre a relação entre os movimentos sociais e a universidade, tendo como pano de fundo a proposta da UPMS. O debate se centrou em torno da necessidade de aprofundar e qualificar esta relação, tomando como ponto de partida uma perspectiva comum alinhada em torno dos valores que orientam a carta de princípios do Fórum Social Mundial. A busca de uma construção coletiva de conhecimento proveniente do

encontro entre movimentos sociais e universidade foi o centro das preocupações. No processo de discussão se chegou a um consenso da importância deste diálogo entre o conhecimento acadêmico da universidade e os saberes que emergem das lutas dos movimentos sociais.

Participaram das atividades representantes do movimento sindical, dos movimentos de mulheres, do movimento ambientalista, das etnias indígenas guarani e kaingang, dos quilombolas, do movimento de direitos humanos, das rádios comunitárias, da economia solidária e de organizações não-governamentais que atuam junto aos movimentos sociais em nosso estado. A participação dos representantes uruguaios teve também esta perspectiva, que faz parte dos princípios da UPMS - Rede Global de Saberes, de um maior intercâmbio entre os movimentos sociais em uma escala regional.

Do ponto de vista da participação da universidade, estiveram presentes alunos, servidores e professores das mais diversas áreas: arquitetura, urbanismo, ciência política, medicina, educação, geografia, administração, psicologia social, filosofia, música antropologia, nutrição, direito, economia, saúde pública, sociologia e fonoaudiologia, todos com alguma experiência em andamento com diversos movimentos sociais. Esta diversidade aponta para um grande potencial de trabalho da universidade com os movimentos, e para uma relação que embora já exista, ocorre de uma forma fragmentada. Além disso a própria Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS apóia e desenvolve várias ações que implicam em uma interação com os movimentos sociais. Seu apoio formal à esta oficina é um exemplo deste compromisso.

A atividade contou também com a presença de participantes de outras instituições de ensino, como a UNISINOS, a UNIPAMPA, assim como de instituições como o Ministério Público Federal e da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, e de professores de redes municipais de ensino. O debate resultou em um compromisso no sentido do aprofundamento do diálogo entre a universidade e os movimentos sociais, e de que a proposta da Universidade Popular dos Movimentos Sociais pode se constituir em uma importante iniciativa no sentido de construir uma plataforma de intercâmbio de saberes.

Tema: Construindo Diálogos entre os Movimentos Sociais e a Universidade

O tema escolhido para a oficina teve como objetivo abrir o caminho para uma reflexão acerca da relação entre a universidade, enquanto espaço institucionalizado de produção e difusão de

conhecimento e os movimentos sociais, entendendo estes como protagonistas da construção de novos saberes a partir da sua prática cotidiana de luta social. Esta relação é complexa e traz consigo tensões e complexidades, sobre as quais consideramos importante refletir.

Esta preocupação em discutir a relação se deve à constatação de que o saber acadêmico em nossa sociedade tende geralmente a se desenvolver de maneira isolada em relação às demandas da maioria da sociedade. O conhecimento científico produzido na universidade e sua aplicação via de regra respondem aos interesses e demandas das classes dominantes, alienando-se das necessidades da maioria da população e ignorando os saberes produzidos nos processos de mobilização e de construção de outras identidades sociais.

Mas o fortalecimento dos movimentos sociais vem demandando cada vez mais a apropriação de ferramentas teóricas e metodológicas que contribuam com a qualificação da sua intervenção. A experiência de construção dos movimentos implica também em uma apropriação do conhecimento científico como uma ferramenta em suas lutas. Por outro lado essa própria luta é, em si mesma, produtora de novos saberes, que precisam ser sistematizados, integrados e qualificados.

Por outro lado a própria universidade que sedia a atividade, enquanto instituição, tem também uma história de relação com os movimentos sociais. As trajetórias pessoais e a experiência política e profissional de um número significativo de professores e funcionários da instituição carregam consigo relações políticas e uma perspectiva de intervenção que é solidária com os movimentos sociais. Deste processo resulta um número significativo de iniciativas de ensino, pesquisa e extensão nas quais a experiência acadêmica se soma à luta dos distintos movimentos. As políticas afirmativas, voltadas para a democratização do acesso à universidade, as atividades de extensão relacionadas com distintos setores das classes populares, a busca de construção de políticas públicas a partir de uma parceria entre setores da universidade e os distintos movimentos sociais nas áreas da educação, da saúde, do exercício da democracia, são experiências a partir das quais se pode avançar na discussão da relação entre o conhecimento acadêmico e os movimentos sociais.

O objetivo da oficina foi, portanto, realizar uma reflexão conjunta acerca do papel social da universidade, tendo como ponto de partida os desafios trazidos pela globalização e a relação desta instituição com os movimentos sociais na perspectiva de implementação do projeto da UPMS –

Rede Global de Saberes no Rio Grande do Sul.

Os parceiros da iniciativa

A Oficina de Porto Alegre foi uma iniciativa resultante de uma articulação iniciada no Fórum Social Mundial de 2010 em Porto Alegre, através de um grupo de professores e pesquisadores da UFRGS, de ONGs e de um conjunto de dirigentes de movimentos sociais. Esta iniciativa está articulada em Rede com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e com o Centro de Estudos Sociais da América Latina da FAFICH/UFMG que realizaram a primeira oficina da UPMS – Rede Global de Saberes no Brasil. Na UFRGS o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política está assumindo a iniciativa, em parceria com docentes e pesquisadores de outras áreas. Os proponentes foram os seguintes professores e pesquisadores:

- Alfredo Alejandro Gugliano (Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política- UFRGS)
- Cláudia Antunes (Mestranda em Educação-UFRGS)
- Eber Marzulo (Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação de Planejamento Regional e Urbano e chefe do Departamento de Urbanismo - UFRGS)
- Fernando Cotanda (Professor Doutor do programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFRGS)
- Tarson Núñez (Doutorando em Ciência Política-UFRGS)
- Vanessa Marx (Doutora em Ciência Política pela Universidade Autônoma de Barcelona e membro da Rede EURALAT)

Uma característica comum na trajetória deste grupo é justamente a de ter, a partir da trajetória profissional e política de seus integrantes, relações com diversos movimentos sociais. Este foi o ponto de partida que aglutinou seu esforço coletivo e que orientou a discussão acerca do escopo e dos objetivos da oficina. O ponto comum nas trajetórias deste grupo está relacionado com o Fórum Social Mundial em suas várias edições realizadas em Porto Alegre, nas quais os participantes estiveram de uma forma ou de outra envolvidos. E a partir das oficinas sobre o tema realizadas em Porto Alegre na edição do Fórum de 2010, este grupo se aglutinou em torno da proposta da UPMS.

A partir desta especificidade se constitui uma outra característica da proposta da oficina de Porto Alegre. Tendo as experiências do Fórum como pano de fundo, considerando as particularidades geográficas de Porto Alegre, e considerando sobretudo o debate acerca da importância do compartilhamento e tradução das experiências e tradições políticas dos movimentos em escala regional, se consolidou uma proposta de implantação da UPMS no Rio Grande do Sul a partir de uma integração com os movimentos dos outros países do Cone Sul do continente. Em função disso incorporamos ao grupo convidado para a oficina representação de movimentos e ativistas do Uruguai.

Os primeiros contatos

Esta perspectiva orientou a construção do perfil de participantes da oficina. Desde o início das articulações contamos com a participação do ICAE (International Council of Adult Education) do Uruguai e da Articulación Feminista Marcosur. Destes contatos resultou também a presença na oficina de representantes destas duas organizações, de uma representante do movimento das rádios livres do Uruguai e também de uma representação da pró-reitoria de extensão da Universidad de la República, deste mesmo país.

Do ponto de vista dos movimentos sociais locais se buscou construir uma lista de convidados que garantisse dois critérios fundamentais: 1) a representatividade e a amplitude de interlocução, e 2) a pluralidade temática e política. Por representatividade se entende a necessidade de incorporar a presença do maior número possível de movimentos sociais, urbanos e rurais, de maneira a garantir que a articulação da UPMS em Porto Alegre tenha uma interlocução que efetivamente expresse o conjunto dos movimentos. Todos os movimentos identificados de uma forma ou de outra com as bandeiras do Fórum deveriam ser incorporados.

O segundo critério, da pluralidade visava garantir que todas as distintas sensibilidades políticas estivessem efetivamente representadas. Os movimentos sociais não são monolíticos, e por vezes se dividem em distintas estruturas organizativas. Nosso esforço foi no sentido de garantir a maior diversidade de tendências e organizações possível. Esta pluralidade se refere não apenas à dimensão organizativa (grupos distintos que atuam nos mesmos movimentos sociais) como à dimensão temática, no sentido de garantir que os mais diversos movimentos fossem convidados, sem estabelecer hierarquias entre eles.

A partir destes critérios foram contatados movimentos sindicais, movimentos urbanos de luta pela moradia, de direitos humanos, de defesa dos direitos à livre orientação sexual, movimentos camponeses de luta pela reforma agrária, o Fórum Estadual de Economia Solidária, movimento feminista, ecologistas e todo um amplo espectro de ativistas que foram sendo contatados no período de organização da oficina, entre março e julho de 2010. Destes contatos resultou a significativa participação de movimentos sociais na oficina.

Por outro lado, dado o conteúdo do debate proposto, que problematizou a relação entre a universidade e os movimentos sociais, se buscou também identificar dentro da própria instituição aqueles professores, pesquisadores e estudantes que já desenvolvem algum trabalho cuja perspectiva seja convergente com o debate proposto pela UPMS. Neste aspecto foi muito importante a relação estabelecida com a Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, que articula um número significativo de iniciativas da universidade junto à comunidade.

A Metodologia da oficina

A metodologia utilizada na oficina teve como ponto de partida as concepções pedagógicas que orientam o trabalho da UPMS. Neste sentido a sua construção se deu de forma concertada com todos os atores sociais envolvidos e as atividades tiveram como objetivo o desenvolvimento de um processo de colaboração e trabalho conjunto a partir de demandas e de pautas construídas pelos participantes.

Neste sentido a organização dos trabalhos privilegiou o espaço dos movimentos sociais de forma a atingir os objetivos propostos, que eram justamente de: a) abrir caminho para um diálogo entre os movimentos sociais e a universidade e b) o de estabelecer uma pauta de temas, problemáticas e assuntos que os movimentos considerem que a universidade possa vir a contribuir no sentido de tornar mais eficaz e eficiente a sua intervenção na realidade social local.

Para atingir estes objetivos a oficina foi desenvolvida a partir de uma dinâmica participativa, priorizando o diálogo baseado na autonomia e na valorização da diversidade cultural, do reconhecimento dos saberes e do conhecimento dos movimentos sociais. Esta perspectiva nos colocou um desafio na forma de organizar os trabalhos, evitando que a palavra fosse monopolizada pelos representantes do saber acadêmico em detrimento dos representantes dos movimentos sociais. Esta possibilidade seria totalmente contraditória com a perspectiva metodológica

proposta, por isso tornou-se necessário organizar a oficina de forma a minimizar esta possibilidade, garantindo o protagonismo dos movimentos sem perder a contribuição dos participantes oriundos da universidade.

Em função desta postura a oficina foi dividida em duas partes distintas, cada uma desenvolvida em uma sessão separada. Na primeira sessão realizamos uma discussão apenas com os professores e investigadores da universidade, voltada para o mapeamento das experiências já existentes em termos de um trabalho acadêmico vinculado aos movimentos sociais e para a construção de um compromisso de trabalho coletivo em torno do projeto. Esta discussão separada se realizou em função do fato de que percebemos que já existem toda uma série de trabalhos sendo realizados, assim como do grande interesse despertado pela idéia da UPMS em distintos setores da academia, tanto da UFRGS como de outras instituições universitárias.

Na segunda sessão participaram predominantemente os representantes dos movimentos sociais, tendo como objetivo contar sobre a relação com a universidade e levantar as suas demandas em relação à mesma, tanto do ponto de vista dos conteúdos que os mesmos consideram importantes de serem desenvolvidos nos marcos da UPMS como do ponto de vista da natureza da relação a ser estabelecida entre os movimentos sociais e a instituição universidade. Com esta separação foi possível garantir um espaço maior para a participação dos movimentos sociais no processo.

REALIZAÇÃO DA OFICINA

Um debate importante na conformação do perfil da oficina foi acerca do local no qual seriam realizados os trabalhos. Isto porque o espaço não é neutro, carregando consigo toda uma carga simbólica relacionada com o poder das instituições. Neste sentido a escolha por realizar a oficina nas dependências da universidade não foi uma decisão apenas operacional e técnica. Inicialmente pensamos que a oficina poderia ser realizada em algum espaço dos próprios movimentos, tendo a CUT se disponibilizado a abrir sua sede para a iniciativa. Mas a opção em realizar a oficina nas dependências da Faculdade de Arquitetura se associa justamente à idéia de que a universidade como espaço, especialmente uma universidade pública como a UFRGS, que poderia ser ocupada pelos movimentos sociais.

1º dia da oficina – sábado, 24 de julho de 2010

A atividade do primeiro dia teve como objetivo identificar as experiências já existentes na universidade em termos de projetos de pesquisa e de ação junto aos movimentos sociais, além de socializar a proposta da UPMS junto aos pesquisadores e professores que já desenvolvem um trabalho neste sentido. Para isto a sessão de trabalho foi aberta com uma apresentação da proposta da UPMS e da dinâmica da oficina por parte da comissão organizadora, ao que se seguiu um debate com a participação de todos os presentes.

Já na rodada de apresentação os participantes relataram experiências já existentes em termos da relação entre a universidade e os movimentos sociais. Foram relatadas experiências nas mais diversas áreas: educação popular, saúde coletiva e medicina social, trabalhos com catadores e recicladores de resíduos sólidos, com moradores de rua, políticas de saúde para a população negra, movimento GLTB, campanhas pela laicidade do Estado, iniciativas relacionadas à educação anti-racista e trabalho com as comunidades indígenas e quilombolas, cooperativismo e economia solidária, segurança alimentar e agricultura urbana, movimento sindical de trabalhadores urbanos e ações voltadas para políticas de redução de danos entre usuários de drogas.

Os convidados uruguaios relataram também suas experiências, particularmente no Serviço de Extensão da Universidad de la República, que trabalha diretamente com movimentos populares urbanos e rurais. Foram relatadas também experiências na área da comunicação social, através de rádios comunitárias e centros de formação popular. Por fim, a representante da Articulação Feminista Marcosur relatou seu trabalhos com mulheres e com juventude, assim como sua ação em marcos regionais e internacionais, através da participação no Comitê Internacional do Fórum Social Mundial.

A representante do CESAL fez uma breve exposição do acúmulo de experiência da iniciativa da UPMS no Brasil, ressaltando a perspectiva de construção de uma cultura política emancipatória através de uma construção coletiva entre os movimentos sociais e o saber acadêmico. Destacou a importância da diversidade e da pluralidade como ponto de partida para esta construção coletiva, que permite a emergência de novas questões que desafiam os paradigmas tradicionais acerca da relação entre os distintos saberes. Tendo este conjunto de relatos como ponto de partida a oficina avançou no sentido de identificar as principais reflexões que emergem deste encontro entre os movimentos sociais e a universidade:

Uma primeira reflexão consensual diz respeito à forma com que tradicionalmente a universidade se relaciona com os movimentos. De um lado temos uma pretensa universalidade do saber que oculta outros sujeitos sociais. No conhecimento tradicional os movimentos sociais são invisibilizados e, quando são percebidos, particularmente na área das ciências humanas são tratados como um objeto de estudo, esvaziados em seu protagonismo e na sua capacidade de produzir conhecimento. Foi ressaltada a ausência de uma formação que capacite os estudantes e os pesquisadores a tratarem de uma forma distinta os movimentos sociais.

A necessidade de romper com estas concepções e práticas tradicionais é o ponto de partida de nossa iniciativa, o que levou a uma discussão acerca de como estabelecer uma relação menos desigual entre a universidade e os movimentos. A área da extensão universitária, por sua característica de levar a universidade para fora de seus muros tradicionais foi identificada como um espaço importante, mas destacou-se que este trabalho não pode se realizar de uma forma unilateral. O reconhecimento da autonomia e do protagonismo dos movimentos sociais foi destacado como um elemento decisivo para que se estabeleça esta relação dentro de uma perspectiva mais horizontal. Do ponto de vista de sua dimensão institucional a UPMS precisa ter “um pé dentro e um pé fora da universidade”, de maneira a não estabelecer uma relação de dependência com a instituição.

Do ponto de vista do conteúdo foi destacada a importância da pluralidade e da diversidade na construção e re-construção dos saberes. O reconhecimento das diferenças e dos valores, a capacidade de “ver o outro” foi apontada como decisiva no sentido da construção de um conhecimento efetivamente emancipatório. Neste sentido se destacou também a importância das dimensões da subjetividade e do afeto na construção do conhecimento, rompendo com um pretensso racionalismo que dissocia o conhecimento das dimensões individuais e emocionais dos sujeitos.

Por outro lado, se ressaltou também a importância de romper com as visões setoriais e locais que predominam nos movimentos sociais. A fragmentação dos movimentos e a sua dificuldade de construir uma visão mais global acerca de suas lutas foram identificadas como limites que iniciativas como a da UPMS podem contribuir para romper. Da mesma forma o imediatismo que predomina nos movimentos, que muitas vezes colocam em segundo plano uma reflexão mais estratégica em detrimento de suas lutas imediatas também foi apontado como um problema a ser enfrentado. Neste sentido a UPMS poderia contribuir na medida em que pode aportar uma melhor

percepção da relação local-global através do intercâmbio de experiências dos movimentos entre si e destes com o saber acadêmico.

Outra reflexão surgida no debate, relacionada com a presença de diversos estudantes e funcionários, foi a de que o conjunto da comunidade acadêmica pode e deve ser envolvida no processo. A universidade enquanto instituição não se limita aos professores e pesquisadores o conjunto da comunidade acadêmica precisa ser incorporado ao processo de construção da proposta da UPMS. Por outro lado desde a rodada de apresentação dos participantes ficou evidente que existem já um conjunto de ações que envolvem a instituição e os movimentos sociais, seja através de projetos de pesquisa e investigação, seja através das atividades de extensão universitária realizadas tanto pela reitoria como pelos diversos departamentos.

Experiências como as da UPMS são colocadas também na perspectiva de uma disputa de hegemonia na universidade, na medida em que permitem articular as ações existentes em um movimento coerente e consistente de constituição de uma nova visão acerca das relações entre a universidade e a sociedade. No entanto é importante ressaltar os riscos de burocratização e de “captura” institucional destas visões alternativas nos limites de um movimento de legitimação institucional da universidade.

O resgate da diversidade e da pluralidade enquanto vetores, o reconhecimento dos saberes e a busca de um novo paradigma que oriente a relação entre o saber acadêmico e os movimentos foi a tônica do debate. E a idéia de tradução intercultural foi incorporada como um bom ponto de partida para orientar o trabalho. Esta perspectiva levou à constatação da necessidade de construir eixos transversais que permitam uma reflexão conjunta. Temas como a relação entre movimentos sociais e o Estado, ou como a democracia participativa foram sinalizados como possibilidades de ponto de partida nesta busca.





2º dia da oficina – domingo, 25 de julho de 2010

No segundo dia o trabalho foi realizado com as representações dos movimentos sociais, com objetivo de apresentar a proposta da UPMS e debater com as lideranças presentes tanto as expectativas em termos de conteúdos como a sua visão acerca da metodologia mais adequada para a implementação da UPMS. Os movimentos presentes, em um espectro que ia desde movimentos sociais tradicionais como o movimento sindical de trabalhadores urbanos (CUT e Federação dos Metalúrgicos) a lideranças indígenas guarani e kaingang, passando por quilombolas, movimento de mulheres e representantes de iniciativas de economia solidária apresentaram seus pontos de vista sobre a relação entre os movimentos e a universidade. A equipe organizadora e Lilian Celiberti apresentaram uma síntese da proposta da UPMS na qual foi destacada a relação da iniciativa com o projeto do Fórum Social Mundial e tendo como norte a discussão de um projeto alternativo de sociedade.

O trabalho foi iniciado em plenário. Cada um dos participantes se apresentou, contando sua trajetória. Estas apresentações apontaram a existência de um acúmulo do debate nos movimentos sociais acerca da sua relação com o saber acadêmico, assim como em relação aos desafios colocados pela conjuntura.

Os ativistas do movimento de economia solidária destacaram a importância da mesma em termos da construção de um modelo alternativo de economia, baseado na cooperação e na solidariedade. Este movimento aglutina hoje mais de 2 milhões de pessoas no país e já possui toda uma rede organizacional que vai desde o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, pela UNISOL

(união de cooperativas) e toda uma rede de feiras e de iniciativas locais e nacionais. Foi lembrado que o tema da economia solidária abre também espaço para outros debates de natureza transversal, como a discussão sobre o papel da mulher.

Os representantes do movimento sindical de trabalhadores urbanos salientaram a importância da reflexão crítica para a análise das mudanças no mundo do trabalho, que afetam diretamente a classe trabalhadora, assim como a necessidade de compreender todas as consequências destas mudanças do ponto de vista do impacto sobre a exploração assim como sobre a saúde dos trabalhadores. Destacaram seu compromisso com a construção de um modelo alternativo, lembrando o papel da CUT desde o início da construção do Fórum Social Mundial. Em relação à UPMS destacaram a necessidade de retomar um processo de formação de lideranças, além de salientar a importância de aglutinar apoios na luta contra a criminalização dos movimentos sociais.

Os ativistas da área da saúde coletiva destacaram a natureza interdisciplinar do seu trabalho, na medida em que os problemas de saúde não podem ser isolados do modelo social e da forma de organização do trabalho em nossa sociedade. Além disso, lembraram que as desigualdades sociais se refletem também no sistema de saúde, o que leva a uma precariedade maior do atendimento aos grupos sociais mais vulneráveis. Os espaços conquistados no âmbito da gestão pública, como os Conselhos, precisam ser ocupados de maneira mais sistemática para se tornarem efetivamente mecanismos de controle social sobre as políticas do Estado.

As ativistas do movimento de mulheres relataram experiências nas áreas de alfabetização e capacitação profissional, destacando a importância da construção da autonomia das mulheres na sociedade, que passa pela criação de oportunidades de trabalho. A violência contra a mulher também foi destacada como um elemento central. O debate sobre a condição feminina e as relações de poder em termos de gênero tem uma natureza transversal, devendo incidir sobre os demais movimentos, e por isso consideraram importante iniciativas como a da UMPS.

A representante do Uruguai, ao relatar as experiências do movimento das rádios comunitárias, apontou um tema pouco explorado, que diz respeito ao tema da comunicação social e seu papel na manutenção das relações de poder em nossa sociedade. Ainda que com uma ação limitada pelo alto custo que implica manter em operação as rádios, vem vivendo uma experiência muito rica que tem sido compartilhada em nível regional através de seminários e encontros. Seu

movimento tem apoio dos sindicatos e movimentos estudantis.

O movimento indígena, entre os quais participaram lideranças Kaingang e Guarani ressaltaram a importância do reconhecimento dos direitos territoriais e sócio-culturais. As lideranças indígenas afirmaram a necessidade de ampliação da sua participação política como forma de lutar pela preservação da sua identidade, sua cultura e seus valores. Saudaram a possibilidade de se constituir através da UPMS um diálogo entre a sua experiência e cultura e a universidade e o saber acadêmico que pode contribuir para a luta indígena.

Os representantes do movimento ambientalista destacaram a importância de uma crítica mais sistêmica ao modelo de desenvolvimento hegemônico, assim como as interfaces de sua abordagem com as questões indígena, de gênero, de saúde e mesmo com as lutas sindicais dos trabalhadores. Esta também foi a abordagem dos ativistas dos Direitos Humanos, que afirmaram a característica eminentemente transversal do tema, que perpassa da mesma forma todas as demais áreas em torno das quais se realizou o debate.

Esta percepção da transversalidade de uma série de abordagens, assim como da relação entre as distintas problemáticas em torno das quais se constituem os movimentos, foi um dos principais saldos da oficina. A crítica sistêmica ao modelo de desenvolvimento vigente unifica os movimentos em sua diversidade. E os relatos apresentados convergiram no sentido de identificar a complementaridade e a inter-relação entre as perspectivas dos diferentes movimentos presentes.

A representante do CESAL/UFMG relatou a oficina realizada em setembro de 2009 em Belo Horizonte, destacando algumas especificidades da metodologia proposta nos marcos da proposta de oficinas da UPMS. Ressaltou a idéia de que as atividades se realizem em um período mais longo, com um tempo suficiente para o aprofundamento dos debates. Neste sentido as oficinas demandam um tempo de pelo menos dois a três dias, que sejam realizadas em um espaço mais isolado, evitando a dispersão e estimulando uma convivência mais cotidiana, o que permite incidir também sobre as dimensões mais subjetivas, reconhecendo os momentos de lazer e de convívio também como momentos de construção de conhecimento e de troca intercultural.

A intervenção do professor Boaventura de Sousa Santos teve como ponto de partida a dimensão subjetiva e afetiva da relação que implica no processo de construção do conhecimento. Destacou a importância deste momento de união entre estudantes, pesquisadores e professores da universidade e os movimentos sociais nos marcos de uma proposta inspirada nos ideais do

Fórum Social Mundial. A seguir o professor contextualizou a proposta da UPMS nos marcos de uma análise do papel da universidade enquanto espaço de construção do conhecimento tendo como ponto de partida o seu papel social até chegar aos desafios contemporâneos, onde o seu caráter de instituição vinculada a um projeto de nação perde espaço para visões de universidade enquanto um serviço que precisa ser adequado às lógicas do mercado.

A universidade está em uma fase de crise, o Brasil não sente muito isto porque está em um boom social, em euforia. No Brasil as universidades estão em expansão e há um otimismo nesse campo. E isso faz esquecer desafios e dificuldades da universidade. A universidade não é uma empresa, mas na perspectiva da OMC a educação é vista como um serviço lucrativo. As agências internacionais da educação terceirizadas estão fazendo da universidade uma empresa. A universidade tem que se transformar em uma empresa, funcionar como o próprio mercado que transforma a educação em um serviço comercializado. Um dos serviços mais lucrativos do futuro. Hoje há uma euforia quantitativa, pela oferta de cursos superiores, mas qualitativamente a universidade não pode ser um mercado. As universidades hoje estão isoladas porque durante muito tempo se encerraram numa torre de marfim, não cuidaram das alianças necessárias com a sociedade, somente com as elites. Não precisaram dos movimentos sociais e a universidade se isolou com outros grupos sociais. Era cômodo para as elites para formação de um projeto de país elitista e a universidade esteve nisto. Nunca incluiu povos indígenas, afro-descendentes, por um tempo não incluiu as mulheres. Mas hoje as elites têm outro entendimento, não vêem necessidade de projetos nacionais, os projetos são globais e as universidades são vistas muitas vezes como entrave por apresentar projetos nacionais. A universidade é necessária como algo global, liberalizado. Há atualmente universidades que vendem programas no mundo. O Banco Mundial diz aos povos africanos que não invistam em universidade, mas comprem pacotes. Na Europa, Bolonha tenta preparar o continente para o mercado global da educação. O projeto é vender serviços das universidades. A universidade tem o fantasma do mercado. Os países em desenvolvimento não vão produzir pesquisa e educação, mas comprar projetos, de acordo com este grande mercado de serviços universitários. O isolamento foi por muito tempo um princípio da universidade. Por que se tem extensão? Por que a universidade fechou-se. Toda a universidade deveria ser extensão. Durante muito tempo a extensão foi desvalorizada. Não é por acaso que os serviços de extensão agora ganham destaque, a universidade busca uma nova base social que não podem mais ser as elites. A universidade procura outras alianças, alianças com os movimentos e as

organizações sociais que a universidade sempre esqueceu. Estar com um pró-reitor é um indicativo da qualidade que se busca.

O princípio da extensão é levar o que sabemos aos que não sabem. Este é um grande erro da extensão se ela continuar assim. Os movimentos e as organizações sociais produzem e têm conhecimentos, mas vivemos num paradigma que atribui à ciência um valor extraordinário, o resto são opiniões e palpites, sendo que de fato, existem outros conhecimentos. Por isso a universidade precisa fazer uma extensão ao contrário – trazer o conhecimento que está fora para dentro, criando uma ecologia de saberes, reconhecendo que há diferentes saberes em circulação no mundo, para vários objetivos. Se a universidade quiser ir à lua, precisa de um tipo de conhecimento, mas se quiser preservar a biodiversidade, precisa contar com o conhecimento indígena, camponês, das mulheres, etc. Aprendemos com a pacha mama, termos aimaras e quéchuas que já estão nas constituições do Equador, da Bolívia. É muito importante ir à Lua, mas grande parte das nossas preocupações é o dia a dia. A esmagadora maioria das pessoas do planeta não vive dos conhecimentos científicos, mas dos conhecimentos populares para resolver os problemas do dia a dia. Hoje, precisamos de humildade para ver que fora da universidade há muitos conhecimentos, embora também haja dentro da universidade.

O que se busca aqui? Busca-se uma justiça cognitiva, uma relação horizontal. Aos poucos os movimentos sociais vão vendo que há dentro da universidade pessoas que pensam na justiça cognitiva, na justiça dos conhecimentos, em uma relação mais cordial entre os diferentes conhecimentos. O objetivo da UPMS é pôr em relação diversos tipos de pessoas. Através da UPMS podemos colocar em contato diferentes tipos de movimentos, de pessoas. Não são apenas tipos de conhecimento e sim tipos de pessoas. Há pessoas que não tem postura aberta para participar da UPMS, pois estão preocupados com suas notas de rodapé. E há pessoas que tem a angústia de ter idéias revolucionárias dentro de espaços reacionários.

Lançamos a UPMS em 2003, mas tem antecedentes mais antigos. Nos anos 20, aqui e na Europa foram criadas várias universidades populares para operários, que eram privados de consumir o que produziam. Os professores davam suas aulas em sindicatos, mas não iam aprender e sim ensinar os operários. Mariategui em Lima no Peru criou uma universidade popular. E hoje temos varias universidades indígenas com outros currículos e certificações, em Quito - Universidade de La Tierra, Chiapas, Madres de La Plaza de Mayo, etc. fora do circuito oficial.

Qual é a diferença da UPMS? Ecologia dos saberes: ela busca a utilidade do conhecimento científico em relação com outros movimentos. A idéia de que é possível um diálogo entre os diferentes conhecimentos – intelectuais e de movimentos. Em Quito recentemente percebemos na universidade indígena que é preciso dialogar com a economia ambiental e outros conhecimentos científicos. Desde o início a UPMS pensa em fazer um diálogo entre saberes, teste de stress das teorias científicas, fazer perguntas a que não foram submetidas, que nunca se colocaram. O marxismo, que nunca tratou determinados temas, porque não tinha condições para tanto, como a questão ambiental por exemplo. O marxismo é ocidental e eurocêntrico e tem que ser sujeito a este teste, porque faz a mesma concessão à natureza que o capitalismo. Os movimentos sabem que seu conhecimento pode ter mais valor a partir de um diálogo.

O segundo princípio é tentar lutar para vencer um outro limite que ficou claro no FSM ao ver que nosso trabalho não é conhecido pelos nossos pares, cada um fica na sua tribo, mulheres, economia solidária, direitos humanos. A fragmentação alimenta o poder. É grande a falta de conhecimento dos movimentos entre si – não conhecem as outras lutas. Há movimentos indígenas que vivem há 60 quilômetros e vieram se conhecer em Porto Alegre. Cada movimento desenvolveu sua linguagem, código e sempre considera sua luta mais importante. A UPMS procura resolver isto, precisamos ser inter-temáticos, inter-movimento. As escolas de formação de quadros formam os seus quadros. A Florestan Fernandes já forma indígenas, por exemplo. A UPMS busca criar um contexto em que os movimentos se conheçam e compartilhem lutas, história, desmanchem estereótipos. Cito o caso da oficina no Peru, na relação entre líderes indígenas e movimento de mulheres – as mulheres achavam que todos os líderes indígenas eram machistas e estes, por sua vez, achavam que as mulheres do movimento eram todas lésbicas. Depois dos dois dias chegaram à conclusão de que nem todas as mulheres são lésbicas e que nem todos os indígenas são machistas e que há dentro do movimento indígena sua própria luta das mulheres. É possível vencer estereótipos.

O movimento operário também precisa desta confrontação e aprendeu muito com 10 anos de FSM. O movimento operário no primeiro FSM, no caso a CUT supervalorizava o papel do operário, depois incorporou outras experiências. A luta operária é importante na articulação com outros movimentos e lutas sociais. Hoje na Europa vivemos muito isso. Parece que só os operários percebem a crise econômica. A próxima década será mais difícil que a anterior, será turbulenta para os movimentos sociais. Atualmente, estes são criminalizados, como é o caso do MST. No Rio

Grande do Sul vigora um estado de exceção, onde o movimento não pode se manifestar – comenta o fim da escola itinerante do MST. Portanto, os movimentos têm que se articular e se tornarem mais fortes.

Em 2003, se pensava que Porto Alegre pudesse ser uma sede da UPMS, mais especificamente, imaginava-se que ela pudesse funcionar no prédio da Usina do Gasômetro. Indo para todo mundo através das oficinas. A partir desse ano se constituíram as oficinas. Não estamos aqui realizando uma oficina, mas falando da UPMS, porque a oficina acontece em dois dias, com confraternização, com a convivência que elimina a distância psicológica que há entre nós, quebra o gelo.

A UPMS não é saber pelo saber, mas saber para poder, para transformar o mundo, e não a colonização do saber.

Quando começamos a UPMS a idéia era fazer varias oficinas intercontinentais, mas descobrimos que ninguém financia isto. Se já é tão difícil fazer um projeto em português, imaginem em outras línguas.

Estamos aqui com vistas ao socialismo, ao bem viver. Há muitos nomes para aquilo que se quer fazer. Hoje o Orçamento Participativo é uma bandeira do Banco Mundial, por suas virtualidades tecnocráticas – pouca corrupção, mas não é o nosso. Os financiamentos muitas vezes corrompem. O que é novo e bonito hoje é a presença do pró-reitor de extensão e a proposição de Porto Alegre de criar uma relação, um diálogo permanente entre universidade e movimentos. O relatório é fundamental para a oficina. Mas o trabalho precisa ultrapassar, ir além do momento efêmero. Em Córdoba, por exemplo, durante a oficina estava havendo uma luta pela descontaminação da água e o movimento sindical argentino não conhecia esta luta. Conseguimos que no mês seguinte, em uma grande marcha do movimento sindical, esta luta fosse uma das bandeiras da marcha, é aí que criamos a aliança para novas lutas. Criar tensão inter-temática é necessário, com pelo menos dois dias, muito investimento. Sobre a metodologia da UPMS, destaca a importância de a oficina buscar identificar as ausências e criar um dialogo permanente que vá além das oficinas. Temos um grande projeto e uma grande iniciativa em Porto Alegre. A diferença sozinha conduz à indiferença, mas quando se unem deixam de ser anomalias e incomodam e passam formar nova hegemonia.

Após a intervenção do professor foram levantadas algumas questões importantes acerca da

UPMS, a sua trajetória e a relação entre os movimentos sociais e a universidade, entre elas: como transformar conhecimento em sabedoria? Relação entre saber e poder? Como transformar discursos em práticas? Como construir o processo da sociologia das ausências com instrumentos de pesquisa? Como construir uma nova relação de saber, horizontal sem cair na objetividade da academia? Como trabalhar a extensão de fora para dentro da universidade? A universidade vem estudar os movimentos e não fazer uma construção conjunta do conhecimento com os movimentos, como sentar juntos para construir conhecimento? Como legitimar a voz dos movimentos dentro da universidade? Como ajudar a recuperar a memória dos movimentos, das lideranças das suas histórias de luta? Como trabalhar com a relação local-global?

As questões foram respondidas e pudemos extrair as principais idéias:

Hoje um dos debates epistemológicos mais interessantes é a questão do saber e do conhecimento, e também da informação. O grande problema hoje é que o objetivo é a sabedoria, mas esta não é privilégio, monopólio de ninguém. Relação entre diferentes saberes: o conhecimento científico tem o privilégio de fazer dos outros conhecimentos matéria-prima, confisca, expropria outros conhecimentos. É preciso escolher os tipos de pesquisadores, os que trabalham conosco ou os que trabalham sobre nós (movimentos). Por isto movimentos indígenas põem restrições ao trabalho sobre eles.

Importante referência para o trabalho da extensão o livro de sua autoria “Universidade no século XXI” para falar sobre a extensão e mercantilização da sociedade. Os movimentos têm saber que seus conhecimentos podem ser compartilhados, mas não expropriados. A publicação acadêmica muitas vezes se perde e nem se entende o que está escrito. Ressalta outro livro seu “As epistemologias do Sul”. Epistemologias do sul é uma nova forma de produzir conhecimento – inquietações epistemológicas que surgem em várias partes.

A oficina da UPMS é constituída de duas partes: temática (várias organizações do mesmo movimento - conhecimento temático dentro do movimento) e inter-temática. Há muito discurso do novo e muita prática do velho. Há uma cultura excludente na prática do movimento sindical, por exemplo – comenta fatos na Argentina observando que os desempregados estão fora do sindicato.

Objetividade versus neutralidade: necessidade de ser objetivo sem ser neutro. Na relação de

poder, o movimento sindical pratica e sabe usar o instrumento. O movimento conhece a prática e quer traduzir isto na norma. Temos que usar estes instrumentos há grande distância entre objetividade e subjetividade. Tentar pôr a economia solidária com os indígenas, duas coisas distintas, mas a mesma.

Como relacionar a universidade e os movimentos sociais é um bom tema para a UPMS. Esse tema ainda não tinha aparecido o de mapear experiências bem-sucedidas. Na Colômbia, o tema foi o da violência, a questão da violência como se lida com isto? Em Minas Gerais foi o Estado, a relação entre Estado e sociedade. Comenta sobre extensão ao contrário na Universidade no Pará, onde os estudantes de medicina vão aprender a medicina tradicional. Cita experiência em Goiás, onde filhos de assentados estão se formando em um curso de direito específico, que possui um currículo voltado para a questão da terra, é possível que existam muitas resistências a certificar.

Sobre ter líderes dos movimentos dando aula é muito interessante e pode ter resistência. Estrutura permanente em Porto Alegre entre conhecimento universitário e dos movimentos seria interessante - fazer outra extensão. Direito a propriedade e reintegração de posse, seria um bom debate. É preciso desenvolver a pesquisa-ação e a memória com relato das lutas, das boas práticas que têm êxito e das que fracassam, ter relatos com imagens. Ter um relato disto é fundamental e somos pessoas e isto deve ser parte da memória. É com gente concreta que se faz uma revolução concreta.

UPMS do Conesul – seria um bom começo para o global. Evo Morales convocou Cochabamba para ser diferente, mas o próprio Evo não está assumindo os compromissos. O mesmo no Equador com a questão do petróleo. Ainda não houve nenhuma oficina da UPMS internacional. Tentemos fazer isto. Durante o Fórum Social das Américas em Assunção, no Paraguai, podemos começar a pensar nesta oficina, na primeira oficina continental.

A partir destas apresentações já ficaram evidenciadas uma série de questões que podem servir como referência para a construção de um trabalho comum. Mas o debate iniciado permitiu o levantamento de uma série de outras questões: a) o debate das relações de poder no interior dos próprios movimentos, b) as dificuldades de articular as distintas dinâmicas e as culturas próprias de cada movimento com os demais, c) a complexidade da tarefa de superar as barreiras históricas que existem entre os movimentos e a academia. Por fim o debate sinalizou com alguns eixos temáticos que podem servir como ponto de partida das reflexões propostas. Os temas levantados foram:

Conceito de desenvolvimento: que modelo de desenvolvimento podemos construir a partir da crítica do modelo da globalização neoliberal. A UPMS é um instrumento para contribuir com a gestação de um novo modelo, que considere as dimensões ambientais e humanas do desenvolvimento.

Temas transversais: direitos humanos, gênero, saúde, democracia e relações de poder são temas que cruzam o conjunto dos movimentos sociais em sua diversidade. Estes temas transversais podem ser o ponto de partida para a construção de um programa de ação da UPMS.

Discussão das políticas públicas e relação com o Estado: com o avanço da democracia os movimentos são cada vez mais desafiados a avançar no debate acerca das políticas públicas. A existência de governos de esquerda no continente coloca um desafio e uma responsabilidade maior sobre os movimentos sociais enquanto sujeitos de formulação de políticas públicas.

A experiência da militância é também um tema sobre o qual temos que refletir. A reprodução de práticas autoritárias ou de modelos de relação hierárquica no seio dos próprios movimentos deve ser também objeto de crítica e reflexão. É importante construir novas relações, mais horizontais e democráticas também no interior dos movimentos sociais.

O diálogo e tradução: como construir as pontes que unificam as distintas visões dos movimentos. Como equacionar o que temos em comum e as nossas diferenças em um diálogo baseado no reconhecimento e na solidariedade.





Os trabalhos em grupo

A seguir a plenária foi dividida em três grupos de trabalho, articulado em torno de duas perguntas motivadoras: 1) O que queremos discutir, quais os temas mais importantes? 2) Metodologia: Como fazer para implementar a UPMS? O trabalho dos grupos permitiu o aprofundamento do debate com uma maior participação de todos os presentes, sendo sistematizado nas seguintes linhas gerais.

Grupo I

O grupo I concentrou seus esforços na metodologia, em como fazer para implementar o projeto da UPMS. Neste sentido foi enfatizada a necessidade de construir uma relação de confiança entre a universidade e os movimentos sociais, objetivo que tem como ponto de partida o reconhecimento das lideranças dos movimentos enquanto interlocutores. No entanto o debate

do grupo foi mais além, destacando que é necessário construir uma metodologia que leve em conta as pessoas em todas as suas dimensões, garantindo a todos os espaços de expressão e poder. Segundo o grupo a perspectiva a ser adotada é a da educação para a autogestão. Foi destacado também que já existe alguma caminhada neste campo, e que deveriam ser tomados como ponto de partida as experiências bem sucedidas existentes. Além disso foi destacada também a importância de garantir aos movimentos e à sociedade a devolução do conhecimento produzido no debate.

Foi enfatizada também a necessidade de realizar um trabalho permanente, evitando as iniciativas pontuais e isoladas. Neste contexto se destacou também a necessidade de incorporar o planejamento e a avaliação do trabalho realizado, permitindo uma ação mais eficaz e um aprendizado mais consistente. Por fim foi destacada também a importância de trazer os estudantes e os funcionários da universidade para o debate do projeto da UPMS.

O grupo sugere que o primeiro passo neste sentido seja o levantamento de experiências existentes, e que se inicie um processo de circulação das informações que permita incorporar novos grupos e pessoas à iniciativa. Além disso foi proposto que se abra um debate no âmbito da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), um espaço de articulação entre os movimentos sociais já existente. Por fim foi sugerido também que se formasse uma comissão executiva para dar continuidade ao trabalho, que fosse criada uma lista de discussão na internet e que fosse realizada uma primeira oficina para o início de 2011.

Grupo II

O grupo II destacou a necessidade de trabalhar melhor o conceito da UPMS, aprofundando a idéia de “Rede Global de Saberes”, debatendo os temas da horizontalidade, da tradução cultural e da diversidade. O grupo também propôs mapear a relação entre universidade e movimentos não apenas do ponto de vista da quantidade de iniciativas existentes como também do ponto de vista da qualidade desta relação.

Do ponto de vista dos conteúdos foi ressaltada a possibilidade de estabelecer temas transversais, que permitam um diálogo entre os movimentos. Temas como gênero, modelos de desenvolvimento, análise de conjuntura e a tradução da linguagem acadêmica desde um ponto de vista intercultural foram sinalizados como pontos de partida que permitem um avanço do diálogo entre universidade e movimentos sociais. Foi destacada também a importância de trabalhar a

universidade como um todo, e não focar apenas nas atividades de extensão. O ensino e a pesquisa também devem ser abordados desde a perspectiva dos movimentos sociais.

Em relação aos encaminhamentos o grupo destacou a existência de algumas indefinições importantes. Como se dará a relação institucional da iniciativa da UPMS com a universidade? Quais os mecanismos e possibilidades de financiamento para uma iniciativa desta natureza? Qual a melhor metodologia e estratégia a ser adotada? O que é prioritário no processo? São questões importantes que condicionam a perspectiva de continuidade do projeto. Mas ainda assim, ou exatamente por isso, foi proposta a construção de uma agenda de debates que permita avançar nestas questões.

Grupo III

O grupo III iniciou um debate sobre as perspectivas de um trabalho como o da UPMS, iniciativa que depende da construção de uma aliança entre os movimentos sociais e aqueles ativistas de dentro da universidade que se colocam em uma perspectiva emancipatória. Esta aliança seria a base para a construção de um debate em torno de alguns temas importantes entre os quais foram destacados: língua e linguagem, controle social e disciplinamento, opressão e exploração, o colonialismo cultural e a invisibilização dos saberes populares.

O pano de fundo deste debate foi a discussão sobre que universidade queremos, que permita questionar as idéias de senso comum que propugnam a neutralidade do conhecimento científico. Este debate sobre o papel da universidade permite, de um lado, disputar internamente a hegemonia no interior da instituição e, de outro lado, construir os laços orgânicos necessários para a implementação de nosso projeto. Foi destacado que temos canais e capacidade de diálogo para enfrentar este desafio.

Por fim o grupo destacou também a importância do papel da universidade no sentido do resgate da história dos movimentos sociais. Buscar recompor as trajetórias, resgatar a memória oral das lutas e da organização dos movimentos sociais é uma dimensão importante da ação da UPMS, para além do seu papel de debate e formação. Este esforço pela preservação da memória das lutas é também uma dimensão fundamental do projeto emancipatório da UPMS.

ENCAMINHAMENTOS DA AGENDA COMUM

A partir do debate dos grupos a parte final da oficina foi realizada em plenária, debatendo os encaminhamentos necessários para dar continuidade ao diálogo proposto. De acordo com os participantes a implementação da UPMS no Rio Grande do Sul passa pelos seguintes encaminhamentos:

- a) Elaboração de um documento síntese do debate: o grupo de coordenação deverá elaborar um documento de relatoria da oficina, sintetizando os principais pontos do debate e apresentando as linhas gerais do processo de implementação de uma iniciativa da UPMS no Rio Grande do Sul.
- b) Constituição de um grupo de coordenação da atividade, composto pela equipe que articulou a oficina e mais uma representação dos movimentos presentes, de forma a incorporar os movimentos na coordenação do processo de implementação da proposta.
- c) Este grupo se reunirá antes do final do ano para aprovar o documento síntese e decidir os próximos passos do processo.
- d) Disseminação da proposta nos movimentos: o documento de relatoria tem o papel de servir como uma contribuição ao debate, com o objetivo de disseminar mais amplamente entre os movimentos sociais o conteúdo e a metodologia propostas para a implementação da UPMS.
- e) Disseminação da proposta na universidade: elaboração de um documento (ou utilização do relatório da oficina) com o objetivo de ampliar o debate da proposta da UPMS dentro da universidade.
- f) Aprofundar o debate com a pró-reitoria de extensão com o objetivo de constituir um parceria mais sistemática para o debate da proposta da UPMS e buscar os caminhos institucionais que viabilizem a realização de um trabalho mais sistemático por dentro da universidade.

PROPOSTAS APROVADAS

- a) Grupo de coordenação: além dos professores e pesquisadores que compõem a equipe que coordenou a oficina foram incluídos os seguintes movimentos sociais: ambientalistas, quilombolas, economia solidaria e sindical.
- b) Incorporar ao trabalho de oficinas e debates proposto pela UPMS um esforço de registro histórico, sistematização e resgate da memória dos movimentos sociais do RS. Para além do debate, do diálogo intercultural, da construção de iniciativas conjuntas, a UPMS deve também contribuir no sentido de dar visibilidade aos movimentos e de garantir a preservação histórica das experiências de lutas dos movimentos sociais.
- c) Apresentar formalmente a proposta da UPMS nas distintas instâncias dos movimentos sociais no sentido de ampliar o apoio e as parcerias. Especificamente foi

proposto a apresentação da proposta e o relato desta oficina para a Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) que reúne uma boa parte dos movimentos sociais do RS.

d) Realização, em 2011, de uma oficina nos moldes propostos pela UPMS, com a duração de mais de um dia, em local adequado, com a participação de distintos movimentos fazendo um debate mais aprofundado em torno do tema gerador: a relação entre a universidade e os movimentos sociais;

e) Realização de oficinas em torno dos temas transversais levantados a partir de nosso debate, com o objetivo de disseminar a proposta da UPMS e de aprofundar o debate de questões pontuais que possam contribuir para o diálogo intercultural proposto pela UPMS.

SÍNTESE FINAL: A RELAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: COMO CONSTRUIR UMA RELAÇÃO DE NOVO TIPO

Do debate realizado é possível extrair uma síntese com o objetivo de sistematizar alguns consensos que emergiram na oficina em torno dos conceitos centrais que devem nortear o trabalho de implementação da UPMS:

A relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais

A universidade é um espaço em disputa, no qual os movimentos podem abrir caminhos e construir parcerias que permitam estabelecer um diálogo tanto em termos do intercâmbio de saberes como do ponto de vista da articulação de iniciativas conjuntas entre os movimentos e seus parceiros internos à instituição.

A UPMS deve ter completa autonomia política e institucional e relação à universidade, evitando o atrelamento à estrutura da instituição, mas ao mesmo tempo é importante aprofundar os seus laços buscando apoio material e humano para as suas iniciativas.

A constituição desta parceria passa pela articulação no interior da universidade, de um núcleo de professores, pesquisadores, funcionários e estudantes que tenham identidade política com a proposta da UPMS e a intenção de viabilizá-la.

Tensões na relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais

É preciso enfrentar as concepções tradicionais a respeito da natureza e do papel da instituição universidade na sua relação com a sociedade. Isto se refere tanto às suas vertentes mais conservadoras, que apresentam a universidade e o saber como neutros em relação aos conflitos sociais, e que afirmam um modelo de universidade que estaria acima destes conflitos, quanto as concepções superficialmente progressistas, que questionam esta suposta neutralidade, mas ao mesmo tempo estabelecem uma relação de tutela e de paternalização dos movimentos.

A proposta da UPMS busca romper não apenas com a visão tradicional e conservadora, mas também com aquelas concepções que, ainda que se situem no campo da esquerda, não são capazes de reconhecer nos movimentos sujeitos de construção de conhecimento, e que por isso acabam reproduzindo, com um discurso aparentemente progressista, concepções nas quais os intelectuais devem levar o conhecimento ao povo.

A relação de parceria tem de ser baseada num diálogo intercultural, que reconheça os distintos saberes e não estabeleça uma hierarquia entre o saber erudito da universidade e o saber popular. A proposta da UPMS busca trabalhar esta tensão, entendendo que é necessário construir uma relação mais horizontal entre os distintos saberes.

Saberes sobre a relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais

A oficina mostrou que já existem na universidade, ainda que de forma fragmentada e sem um maior diálogo, um grande número de iniciativas de trabalho em parceria com os movimentos sociais. Muitos destes trabalhos se colocam em uma perspectiva muito convergente com os valores e as metodologias propostas pela UPMS.

A ampliação deste diálogo internamente à universidade é um passo importante no sentido de fortalecer a proposta da UPMS. Fazer um levantamento das iniciativas, estabelecer um debate mais sistemático sobre estas experiências, articular seus esforços e ampliar o espaço político já ocupado na universidade é um ponto de partida que pode contribuir no sentido de viabilizar a iniciativa de implementar a UPMS no RS.

O caminho para a construção de uma nova relação

O avanço desta relação depende da articulação daqueles indivíduos e grupos de dentro da

instituição e as lideranças dos movimentos sociais em torno de uma plataforma comum construída coletivamente. Este esforço deve se voltar, de um lado, para dentro da universidade, buscando ampliar a legitimidade política da iniciativa, assim como viabilizar o apoio institucional e o acesso a recursos materiais e humanos que contribuam para a implementação da proposta.

Por outro lado é importante ampliar o diálogo com os movimentos sociais, multiplicando os interlocutores, abrindo contatos com movimentos e atores sociais que ainda não estão envolvidos na proposta e divulgando a iniciativa no sentido de construir uma parceria mais consistente com os movimentos sociais.

ANEXO 1 – LISTA DOS PARTICIPANTES

Convidados externos

| | |
|--------------------------|---|
| Gabriel Picos | Universidad de la República – Servicio de Extensión |
| Alicia Migliaro | Universidad de la República - Servicio de Extensión |
| Lucía Irigoyen | La Voz Rádio Comunitária - Montevideo |
| Lilian Celiberti | Articulación Feminista Marcosur |
| Ana Agostino | ICAE |
| Ana Paula Prestes Rabelo | CESAL/UFMG |

Comissão Organizadora e grupo de apoio

| | |
|-----------------------|----------------------------|
| Tarson Núñez | PPG Ciência Política UFRGS |
| Cláudia Antunes | Educação UFRGS - PROEXT |
| Eber Marzulo | Arquitetura UFRGS |
| Vanessa Marx | Rede EURALAT / POLIS |
| Camila de Vasconcelos | C.Sociais UFRGS |
| Helena Bonetto | C.Sociais UFRGS |
| Priscila Santos | C.Sociais UFRGS |
| Daniel Damiani | PPG Sociologia UFRGS |

Representações dos movimentos sociais

| | |
|----------------------------|---|
| Daniela Zilio | CAMP – ONG de assessoria aos movimentos |
| Rodrigo Venzon | Cientista Social |
| Nelsa Nespolo | UNISOL Brasil - UNIVENS |
| Maribel Kauffmann | UNISOL Brasil – Fórum Brasileiro de Economia Solidária |
| Milton Viário | Federação dos Metalúrgicos |
| Dorvalino Cardoso | Indígena Kaingang |
| João Marcelo dos Santos | CAMP |
| Andréia Martins | Instituto para o Desenvolvimento Sustentável - IDEST |
| Isabel | Federação das Associações de Comunidades Quilombolas RS |
| Fernando Costa | Amigos da Terra Brasil |
| José Cirilo Pires Morinico | Cacique geral Guarani |
| Martha Narvaz | Movimento de Mulheres |
| Felipe Amaral | Instituto Biofilia |
| Patrícia Couto | Comissão de Cidadania e Direitos Humanos/ALERGS |
| Ana Mercedes | Administração UFRGS / FBES |
| Celso Woyciechowski | CUT-RS |
| Mari Perusso | Federação das Mulheres Gaúchas |

Professores e pesquisadores

| | |
|----------------------------|-----------------------------|
| Miriam Chagas | MPF – Nuc.Cidadania UFRGS |
| Adriane V. Ferrarini | UNISINOS |
| Aline Mendonça dos Santos | CFES Sul - UNISINOS |
| Eder Rodrigues | Geografia UFRGS |
| Angelo R.P.Silva | PROEXT - UFRGS |
| Rodrigo Nunes | PUC - Turbulence |
| Boaventura de Sousa Santos | CES Univ.Coimbra |
| Paulo Albuquerque | Educação UFRGS |
| Jaqueline O. Silva | Medicina UFRGS |
| Artus Goerl | Professor SMED São Leopoldo |
| Domingos Savio | UNIPAMPA |
| Roberta Alvarenga Reis | Fonoaudiologia UFRGS |